



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

INSTALAÇÃO DO SIMPÓSIO:
«O PAPEL DINÂMICO DA LITERATURA
LATINA E DO CARIBE NA CRIAÇÃO
LITERÁRIA UNIVERSAL»

Palácio do Itamarati
Brasília, DF
18 de abril

O Presidente José Sarney participa, em Brasília, do simpósio «O Papel dinâmico da literatura latina e do Caribe na criação literária universal», com 60 escritores de 17 países. O Presidente José Sarney afirma que a democracia no continente tem frágeis raízes e exige equilíbrio e paciência para não morrer.

15 de abril — Chega ao Brasil o Presidente da Colômbia, Virgílio Barco.

16 de abril — É criada pelos Presidentes Sarney e Barco uma comissão ministerial entre os dois países, para acompanhar a implementação dos acordos firmados durante a visita do Chefe de Estado brasileiro à colômbia em 1987.

Para mim, muitos são os motivos de regozijo ao inaugurar este Simpósio Internacional sobre o Papel Dinâmico das Literaturas da América Latina e do Caribe na Criação Literária Universal, um reconhecimento da UNESCO à importância da literatura latino-americana e sua amplitude mundial.

O escritor e o infatigável leitor que me liga com paixão às letras juntam-se neste momento para dar boas-vindas a todos.

O Brasil, cuja circunstância orteguiana é a América Latina, e que encontra nos povos irmãos do continente e do Caribe o elo primeiro de sua identidade no mundo, não poderia deixar de sentir-se plenamente orgulhoso de sediar este encontro.

Vai aqui o brinde da hospitalidade brasileira a tantos nomes ilustres da criação literária e da crítica latino-americanas.

A presença, em Brasília, destes artistas da palavra e intelectuais que pensam a criação literária, espelha por certo o interesse com que o Brasil de hoje acolhe as manifestações mais variadas do espírito humano no mundo todo e na nossa América em especial.

Entre os escritores latino-americanos deste século, inclui-se sem dúvida Jorge Amado, cuja homenagem aqui prestada em virtude da concessão da Medalha Picasso, a mais alta condecoração da UNESCO é para mim, como brasileiro, motivo de indisfarçável orgulho. Jorge Amado é um verdadeiro patrimônio do Brasil e de todos os leitores do mundo onde sua obra é conhecida. Seus livros sempre estiveram perto do povo brasileiro. E ele tem sido, além disso, entre nós, um exemplo perseverante de combatividade.

Ressalto, também, o orgulho de nós brasileiros, pela presença, na UNESCO de um dos momentos mais importantes da inteligência brasileira de todos os tempos, Josué Montello, autor de monumental obra literária que alcança todos os campos da cultura. Josué Montello é hoje uma afirmação extraordinária do Brasil, não só de consagração nacional como de importância mundial.

Este encontro marca as comemorações do aniversário de fundação da nossa capital, Brasília, «a cidade branca, a cidade Vênus», de que falou Pablo Neruda. «Brasília não tem portas», dizia o grande poeta chileno, «é espaço claro, extensão mental, claridade construída. Isolada em seu milagre humano, em meio do espaço brasileiro, é como uma imposição da suprema vontade criadora do homem».

O governador José Aparecido, com sua capacidade imaginativa e sua visão para as coisas do espírito, está transformando a cidade na capital cultural do País e em importante centro latino-americano de vivência cultural.

Diria que aqui está simbolizada a luta da América Latina pela sua modernização. Aqui tentou o latino-americano construir sua utopia. Aqui pulsa o coração de um país, na confluência de tempos em que as vanguardas internacionais da segunda metade do século XX, estampadas nas artes e na arquitetura, se aproximam da origem cultural americana.

Este encontro tem, além disso, um significado especial para mim, como escritor e como político.

A literatura foi sempre a minha vocação e a política o meu destino.

As atitudes do intelectual e a do político são, à primeira vista, contraditórias.

O escritor não pode se conformar com a realidade, assim como as palavras se revoltam contra o silêncio. Seu espírito não cabe na estreiteza das coisas. Sua mão não se escraviza aos acontecimentos; quer superá-los. O escritor é o homem da justiça absoluta. O político vive das realidades. Há uma angústia crescente, adicional, que se agrega a um Presidente que vive também a busca de todos os intelectuais: o mundo que deve ser criado por ele, e não o que a vida lhe oferece.

Ela está, antes de mais nada, a serviço de sua consciência. Seus mundos são abertos. Enquanto for escritor, ele não tem porto de chegada, só muitos portos de partida. No seu itinerário, busca a verdade de suas palavras e de seus atos. Nenhum poder, nenhuma força exterior o fazem deixar de ver seus ideais absolutos.

O político, ao contrário, deve ter a capacidade de negociar, de aceitar diferenças e reconhecer as limitações que o presente lhe impõe. Já se disse que a política é a arte do possível. O barro do político é o que existe. Do intelectual, o que precisa existir. Uma flor não é uma flor, mas a transcendência da flor.

E é no campo das possibilidades que a política tem objetivos definidos. O político tem, num dado contexto histórico, programas a cumprir e metas a alcançar. Mas nessa contradição existe, paradoxalmente, um encontro e conjugação.

A angústia do escritor acende mais facilmente o fogo da paixão, sem a qual o político não será mais que sombra das misérias cotidianas.

O escritor ajuda o político a ver mais longe, a enxergar em cada ato não apenas a solução específica de um problema, mas também um modo de comportar-se no mundo; a perceber por trás de cada aspecto da paisagem as grandes linhas do horizonte.

Por isso, como político e como Presidente da República, não renego nem abandono as artes do escritor. Sempre tenho um convite de noivado para a literatura. Um soneto, um livro para pensar.

Senti na minha vivência pessoal, na minha saga, a dura realidade social de nosso povo.

«Meu país, essa parte de mim fora de mim constantemente a procurar-me...», como no verso de Carlos Drummond de Andrade.

Era dessa realidade que eu podia tratar em minha literatura e era contra ela que eu investiria na política.

Meu desejo, ainda quando jovem escritor, de contribuir para a conscientização de nossos graves problemas sociais teve, sem dúvida, continuidade na política.

Agora, como Presidente da República, tive a possibilidade de contribuir concretamente para a consolidação da democracia no Brasil, restabelecendo as eleições diretas em todos os níveis, assegurando a total liberdade de organização política e sindical, convocando a Assembléia Nacional Constituinte e iniciando a reforma agrária.

Mais do que tudo isso, porque é a base de tudo isso, a visão intelectual, a floresta, que me faz ter paciência, equilíbrio, compreensão dos homens, e razão para avaliar as frágeis raízes do desenvolvimento político que precisam

de cuidados para não morrer. A América Latina sofre a doença histórica de utilizar a liberdade sem trato, deixando-a morrer.

E para nós é dramática, trágica, esta vivência. Nós escritores vivemos da liberdade. O bem mais caro àquele que escreve é sua liberdade de expressão. Escrevemos como compulsão mas não desejamos que morra no papel o que escrevemos. Escrevemos para criar a vida. Renascer em cada leitor. Eternizar tempos, memórias, amores.

A irmandade latino-americana não tem a ver apenas com nossas raízes comuns, com nossas culturas indígenas, com a terrível vivência da escravidão ou com a colonização ibérica. Ela é sentida nos desafios políticos, econômicos e sociais de nosso presente, no dia-a-dia de nossa construção democrática, na experiência de nosso subdesenvolvimento, na nossa luta pela eliminação da fome e da miséria.

Asturias, Borges, Carpentier, Rulfo, Darío, Martí, Bioy Casares, Onetti, García Márquez, Vargas Llosa, Abelardo Arias, Guimarães Rosa, Mario Benedetti, Carlos Fuentes, Clarice Lispector, Ernesto Sabato, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Josué Montello, José Veiga e tantos outros figurariam na linha de frente da produção literária universal, ao lado de poetas como Pablo Neruda e Octavio Paz, todos responsáveis pelo desenvolvimento de uma literatura que passaria agora a influenciar-se a si mesma, quando não a inverter o curso tradicional das influências para operar sobre literaturas de outras latitudes.

Jamais antes tamanho vigor — qualitativo e quantitativo — terá impulsionado um movimento e fornecido à criação literária um universo de tamanha dimensão física e humana: da Patagônia às ilhas do Caribe, do alto dos Andes à Caatinga nordestina, nas mais variadas cidades, uma legião de escritores conquistava a mente de um público inigualado, dentro e fora de nossas fronteiras, escrevendo, como disse certa vez García Márquez, «um só romance» que alteraria para sempre o perfil de nossas letras e a dimensão de nossa presença na cultura universal.

Esse grande romance construiu a maior interpretação filosófica que jamais se fez sobre a América Latina e sua condição histórica.

Desde as histórias que criaram espaços míticos — Macondo, Comala, Santa Maria de Nieva — que na realidade funcionariam como verdadeiras metáforas da América, até a literatura experimental que faria da palavra o objeto primeiro do próprio ato de narrar e criar poesia, a literatura latino-americana contemporânea recobriria uma vez mais, com outra estética, com outro vigor, a vasta extensão geográfica e humana do nosso continente.

Formando uma só corrente discursiva com o ensaio interpretativo e a filosofia, nossas letras perscrutariam não apenas o presente e o passado das Américas, mas seus diversos projetos de futuro.

Uma nova identidade latino-americana e caribenha surgiria dessas indagações; e o valor universal dessa literatura viria a ser reconhecido pela avassaladora presença de nossos escritores nas estantes das livrarias de todo o globo, no interesse a ela devotado pelo mundo acadêmico, nas tiragens sem precedentes de quase todas as obras.

Começamos a transformar a nossa realidade pela palavra escrita; e por meio dela levamos às sete partidas do mundo a reivindicação de nossa identidade, que traduz a reivindicação de autoridade sobre nosso próprio destino.

Com ela, conquistamos um lugar, sem favores, pela força da própria criação.

Hoje a literatura da América Latina e do Caribe deixa longe, em abrangência, a riqueza temática, o vigor estético e a penetração no público, aquelas «correntes literárias» a que com pioneirismo se referiu, em obra clássica, o pai da moderna crítica literária latino-americana, Pedro Henríquez Ureña.

Temos o privilégio de ver reunidos aqui muitos dos mestres da nossa literatura, em reafirmação, com sua presença, da tendência que a América Latina também ofereceu ao mundo literário universal, a do escritor-crítico, espelho de uma constante auto-indagação que só trabalha em favor da renovação criadora das nossas letras.

Nosso desafio maior é o da modernização. Venho do Maranhão, do Nordeste, da região mais pobre e atrasada do Brasil. Estive, portanto, acostumado a ver o Brasil a

partir do seu ângulo mais problemático. Mas talvez seja precisamente por isto que sinto, com tanta clareza, que hoje governar é modernizar.

Muitas vezes lançam a flecha do meu provincianismo. Mas, quanto mais regional, mais universal. Eu começo em mim, na minha cidade, na minha casa, no meu berço. Aí estão nossas raízes eternas.

A modernização, em sentido amplo, não deve ser interpretada como uma opção estreita pela industrialização e pela técnica.

Esta veio para ficar, mas não pode ser dissociada do desenvolvimento completo do homem.

Nossa escolha dos bens produzidos, nossos modelos de industrialização e de desenvolvimento tecnológico não são apenas opções econômicas: são opções políticas, sociais e sobretudo culturais. Pois o que está em jogo é a qualidade e a maneira de vida de nossos povos, seus hábitos e costumes e suas relações sociais. A tecnologia e a expansão industrial devem, portanto, estar a serviço de opções de vida e de valores culturais amplos de nossa região.

Precisamos investir na pesquisa, no aprimoramento tecnológico e na produção de bens. Mas ao mesmo tempo precisamos de pensar como fazê-lo. E, ao lado desse esforço, devemos também investir em arte, em literatura, em ciência, em defesa do patrimônio cultural.

No Brasil, a experiência da chamada Lei Sarney, de incentivos fiscais para a cultura, já rende enormes frutos, cujos desdobramentos vão muito além das simples obras inauguradas, dos espetáculos e exposições montados ou dos livros publicados. As realizações culturais, mais que quaisquer outras, têm uma expressão ampla, repercutindo sobre os mais variados setores da vida cultural, e vão, como bolas de neve, crescendo e se multiplicando ao descerem as curvas do tempo.

Nossa modernização passa também pelas instituições políticas. Já não é mais possível continuar com duas Américas Latinas, uma da elite e outra da grande massa do povo, perpetuando a desigualdade social, a disparidade da renda e da riqueza. Já não é mais possível que continue tão

estreita a participação das grandes maiorias nos processos políticos e econômicos de nossa região.

Nossas instituições políticas devem se ajustar à necessidade de que as massas participem das decisões políticas e aproveitem as vantagens de nossas realizações econômicas.

Aumentar essa participação, expandindo a democracia, é também um imperativo do desenvolvimento, num momento tão delicado da vida econômica de nossos países. De fato, a América Latina tem regredido, em termos econômicos, na década de 80, tendo experimentado uma perda sensível em relação a outras regiões do mundo.

Creio que a possibilidade de nossa recuperação passa não apenas pela luta necessária e dramática contra as iniqüidades do sistema econômico internacional e pela solução de problemas agudos, como o da dívida externa, mas também por nosso próprio esforço de ampliar o número de nossos produtores e consumidores, democratizando nossas economias internas.

A ampliação do acesso dos latino-americanos a todos os aspectos da vida cultural deve, não impedir, mas, ao contrário, melhorar a qualidade de sua produção material e espiritual. Ao contrário do que alguns crêem, ao associarem elitismo a qualidade, esta aumenta quando damos a um número maior de pessoas a possibilidade de participar ativamente da vida política, econômica e cultural.

Creio, finalmente, que um dos caminhos para nossa modernização é o de comparecermos ao destino que Bolívar já havia traçado para nossos povos: o da união latino-americana.

A América Latina é um continente que até há bem pouco tempo, apesar de suas raízes comuns e inevitavelmente de um destino único, não havia se encontrado consigo mesmo; que nutria com países extra-regionais uma relação vertical mais estreita do que a que podia estabelecer horizontalmente dentro de suas próprias fronteiras. Paradoxalmente, era imensa a distância entre vizinhos.

Temos hoje, no mais alto nível, mecanismos de consulta e coordenação não apenas econômica, mas também política.

Eu me orgulharei sempre de ter tentado, iniciado, e ter sangrado na luta para dar ao Brasil a expressão de país latino-americano.

Tento virar o leme para estarmos juntos, sem sermos irmãos de costas, mas de mãos dadas.

Crescermos juntos, é meu lema.

Meu governo tem-se empenhado na integração latino-americana, que já começamos a realizar concretamente com a Argentina e o Uruguai. Não se trata apenas de realizar a integração nos campos econômico, comercial e tecnológico, de explorar possibilidades no campo monetário e de realizar maior cooperação financeira, mas também de estender a integração à área cultural. Quanto mais conheçamos as produções culturais da própria América Latina, quanto menos barreiras se estabeleçam em nossas fronteiras à livre circulação de obras de arte e de produtos culturais em geral dentro de nossa região, mais aptos estaremos a reforçar uma cultura regional viva e dinâmica.

Tenho certeza de que este encontro servirá para aprofundar a discussão sobre estas questões. As inquietações que amadurecem na mente da intelectualidade latino-americana não podem ser senão produto dos grandes desafios com que nossos povos são confrontados no presente.

A produção literária é individual e o artista se automitigaria se tivesse que estar preso a mensagens ou programas, se sua obra não fosse mais do que a explicitação de um credo. Mas o resultado de seu trabalho o supera.

A arte e a literatura não pode ser senão, assim, expressões profundas dos povos.

O escritor de uma região não pode deixar de retratá-la, mesmo que o retrato que faça dela seja cheio de sombras. Isto não significa, contudo, que ele esteja preso a temas ou tenha que renunciar à sua ampla liberdade de criação.

Disse Machado de Assis que «não há dúvida que uma literatura... deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferecem sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exi-

gir do escritor antes de tudo», acrescenta ele, «é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país».

O retrato da América Latina se afirma, assim, no singular, mas com expressões plurais. Pois a América Latina é uma pluralidade; não apenas somos povos mestiços, mas temos culturas mescladas.

O escritor lapida suas palavras neste retrato, cujo pano de fundo é o grito de dor e desespero, o gemido do sofrimento, a paisagem desoladora da fome e da miséria, mas também o sonho, a luta histórica pela redenção política e econômica.

O escritor latino-americano chega hoje a uma encruzilhada que é ao mesmo tempo nacional, regional e mundial. Sob o signo da crise e da mudança, no estertor das ideologias do século XIX, a América Latina é o território do novo sobre o qual é escrito seu destino.

No dizer de Lezama Lima, «la Historia está hecha, pero hay que hacerla de nuevo».

Conquistar futuros sem apagar a memória; inovar sem idolatrar o novo, eis o desafio.

Sejam bem-vindos.